

TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E SEU REFLEXO NO LÉXICO DA LINGUAGEM URBANA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Dino Preti
USP

O léxico é o campo da língua que melhor espelha a dinâmica social. Sua mobilidade, para atender às necessidades de comunicação, traduz a representação mais imediata das transformações dos costumes, das crises sociais e políticas, das lutas de classe, das atividades científicas, das conquistas tecnológicas. "É, efetivamente, o léxico que, numa língua, reflete mais diretamente as realidades não lingüísticas", como o diria Martinet.¹ Nenhum campo lingüístico apresenta maior variabilidade do que o léxico, razão pela qual se torna extremamente difícil estabelecer padrões ou subpadrões lexicais.

O ritmo instável e, até certo ponto, imprevisível, da vida na sociedade contemporânea tem tornado a atividade lingüística de criação e substituição de vocábulos ainda mais intensa, agilizando os processos de neologia e obsolescência lexical, apressando a desatualização dos dicionários e trazendo maior incerteza nos critérios sociais de uso dos vocábulos.

O crescente poder dos meios de comunicação de massa, em particular da televisão, do rádio e da imprensa, acabou por tornar esses veículos sociais o grande repositório dos neologismos técnicos e populares que se incorporam continuamente ao estoque lexical. Com eles uma imensa e variada massa de novos significados, para os vocábulos já existentes, engrossa os verbetes nos dicionários e é absorvida pela língua falada e escrita.

Esse painel genérico traduz, pode-se dizer, a realidade sociocultural e lingüística das grandes cidades brasileiras, onde o critério de aceitabilidade social dos vocábulos tem-se tornado mais elástico, mais descompromissado com a rigidez da tradição lingüística e das regras da sintaxe lexical, menos compartimentado dentro dos limites dos dialetos sociais, cujas fronteiras parecem cada vez mais incertas, no léxico. Assim, rompe-se, com freqüência, o equilíbrio das forças sociais da tradição e da renovação, confundindo no falante comum os conceitos culturais de uma teórica "boa linguagem", alterando o prestígio social dos vocábulos, tornando precária a classificação de **culto**, **popular**, **técnico**, **gírio**, **obsceno**, etc., com que os lingüistas costumam etiquetá-los.

Várias razões têm colaborado, na sociedade contemporânea – e, em especial, na brasileira, de que falamos – para essas transformações que o léxico registra, como, por exemplo, a própria extensão de funções do indivíduo dentro da comunidade, que tem mostrado uma multiplicidade crescente, ao contrário de outras épocas, onde a sociedade era bem mais compartimentada, onde cada indivíduo exercia prioritariamente uma função específica: o político, o médico, o professor, o operário, o estudante, a dona-de-casa etc., com reflexo direto em sua linguagem.

Na sociedade moderna – e referimo-nos, em particular, às grandes comunidades urbanas do Brasil – o indivíduo passa com notável rapidez de uma função para outra, vivendo simultaneamente vários papéis sociais, que provocam alterações substanciais de seu repertório verbal, em função da multiplicidade de **situações de comunicação** a que está sujeito diariamente: uma dona-de-casa pode ser, concomitantemente, uma secretária, uma estudante; um professor pode ser também um aluno; um operário pode ser, igualmente, um estudante, um político, um pastor; etc. De forma que as funções sociais não se separam bem, sobrepoem-se, alternam-se, dividem-se e subdividem-se para um mesmo indivíduo, cujo vocabulário usual reflete essa mobilidade.

A ação desse fenômeno social pode-se tornar tão intensa no léxico, a ponto de apagar ou diminuir os fatores extralingüísticos, tradicionalmente aceitos como geradores da diversidade lingüística e dos **dialetos sociais**: a origem geográfica do falante, sua faixa etária e sexo, seu grau de escolaridade, sua condição sócio-econômica, sua profissão e círculo de relações etc. Assim, os vocábulos se indeterminam ou se nivelam socialmente, dentro desse emaranhado de funções que se sobrepoem, confundindo-se o termo culto com o popular, o técnico com o jargão, o gírio com o obsceno etc. Esses valores sociais dos vocábulos podem vir, pois, a confundir-se, acompanhando a própria mobilidade das estruturas sociais.

Com isso, pode-se falar num fenômeno progressivo de nivelamento lingüístico com o aparecimento de um léxico "comum", formado pela contribuição de vários vocabulários sociais. Aparentemente contraditório na sua essência, esse léxico diversificado atende, tanto à linguagem falada, quanto à escrita, e seu melhor campo são os meios de comunicação de massa e a propaganda. Sua tendência progressiva parece ser a de aproximar-se do vocabulário coloquial, de fácil compreensão.

Tem cabido aos meios de comunicação de massa o papel de difusores dessa linguagem "comum". E essa função tem sido cumprida na sociedade brasileira contemporânea, primordialmente, pelos canais de televisão, em grande parte pelos programas cômicos e pelas novelas seriadas, produzidos com o objetivo de um lazer fácil e descompromissado, em cuja linguagem predomina o **registro** coloquial, em especial a gíria, mas também os vocábulos e expressões eróticas mais esvaziados de sua marca obscena, as construções dúbias de conteúdo malicioso.

Os grandes níveis de audiência, decorrentes do fato de a programação de TV ter-se transformado numa das únicas opções de lazer da maior parte da comunidade brasileira, esmagada por uma crise econômica sem precedentes, acabaram por difundir essa linguagem nos mais diversos setores culturais da sociedade, que absorvem, indefesos, os modismos lingüísticos (em especial, vocabulares) da televisão. Uma das conseqüências mais imediatas desse fato tem sido o alargamento do emprego da gíria na comunidade, nas mais diversas **situações de comunicação** e até na linguagem escrita.

Não se trata, é certo, de um processo de criação de vocábulos, por parte da televisão, de um fenômeno de neologia vocabular de formas gírias, mas apenas da divulgação para o grande público, comandada pelos roteiros de produção, da linguagem livre da vida social da juventude burguesa ou dos ambientes dos jovens universitários. São "gírias de grupo" que vêm a se transformar, em pouco tempo, em linguagem corrente, em "gíria comum" que se alastra, não só por toda a massa de falantes urbanos das grandes capitais, mas também pelas cidades menores do interior, invadindo o meio

rural (de resto, sempre pronto a imitar a linguagem das capitais), cobrindo, enfim, todo o país.

Tão logo vão perdendo sua força, desgastando-se pelo uso abusivo, alargando desmedidamente seus significados, esses signos gírios, cumprindo seu efêmero ciclo social, são substituídos por outros mais em moda.

Repetido, desgastado, constantemente renovado, esse vocabulário parasita exerce grande fascínio sobre a juventude e sobre aqueles que buscam uma identificação com os jovens, constituindo-se verdadeira marca social de um grupo.² Sua força extrapola fronteiras geográficas e, hoje, já vemos a gíria brasileira, com a exportação das novelas de televisão, influenciar a própria linguagem de Portugal, como testemunha um estudioso dessa linguagem: "No momento presente a densidade de programação televisiva em língua brasileira (sic) permite-nos afirmar que as riquíssimas gírias e a expressividade do falar do chamado **País irmão** começam a instalar-se no nosso português diário. Não só a riqueza desse vocabulário mas também a imensa popularidade desses programas, o garantem."³

Mas o fenômeno da expansão do uso do vocabulário gírio não pára aí. Ingressando na imprensa falada e escrita, na linguagem política, nos trabalhos universitários, tornando-se a marca habitual da propaganda comercial, a gíria vem contribuindo para a instabilidade da norma lexical, e seu uso geral acaba por enfraquecer a resistência natural até dos chamados falantes cultos, nas **situações de comunicação** de linguagem mais controlada e refletida.

Nesse sentido, a título experimental, realizamos um levantamento sobre a incidência de gíria no vocabulário das pessoas cultas, em dez gravações do Projeto NURC (norma urbana culta), que se realiza concomitantemente em cinco cidades brasileiras.⁴ Tomados dez inquiridos, de diferentes graus de formalidade (diálogo entre informante e documentador, diálogo entre dois informantes e elocução formal), num total de 9h 35' gravados na cidade de São Paulo, foi registrado um considerável número de lexias gírias, entre os quais **a olho, bacana, bagunça, bagunçado, broto, cafona, cara, chato, chué, fofoca, mixo, mixuruco, no papo, penetra, pintar, quadrado, transar, troço** etc.⁵ Essas gravações que têm, em média, oito a dez anos, foram realizadas com plena consciência do informante, portanto, com todas as limitações formais impostas pelo ato de fala gravado, o que pode ser um índice expressivo de que aqueles e outros vocábulos já entraram nos hábitos dos informantes entrevistados, todos com formação universitária completa, dado básico para sua classificação em "falantes cultos", na metodologia do Projeto.

O agravamento da crise político-econômica na década de 80, que aumentou a insatisfação e a agressividade nos centros urbanos, veio acentuar ainda mais os critérios de aceitabilidade social dos termos gírios. Neste contexto mais recente, a gíria e a linguagem obscena reforçaram consideravelmente a expressão linguística dos conflitos populares, da tensão social, da luta entre facções políticas. As mais simples manifestações de revolta popular são logo acompanhadas de coros de palavras injuriosas, às vezes gritadas por toda uma platéia de um estádio de futebol ou de um comício político, num processo de verdadeira catarse coletiva pela linguagem, que é novo no Brasil.

Por outro lado, nestes anos de grande crise, outro índice sociolinguístico significativo revela a convivência de grupos sociais restritos com a grande comunidade. Referimo-nos à crescente incidência de "gíria marginal" e "gíria dos tóxicos" na linguagem falada e escrita, em particular no Rio de Janeiro e São Paulo, coincidentemente os centros de maior atuação do crime, da prostituição e da droga. Lexias como **bacana** (bom, belo etc), **bagana** (cigarro de maconha), **virada** (noitada de droga), **apagado** (drogado, bêbado), **bagulho** (maconha, coisa ruim), **barato** (estado de euforia), **baratinado** (tonto, drogado), **baseado** (cigarro de maconha), **bicão** (estranho), **branquinha** (cocaína), **carango** (carro), **careta** (intruso), **chué** (doente), **cupincha** (companheiro), **curtir** (fumar maconha, aproveitar), **curtição** (ato de fumar maconha ou de aproveitar alguma coisa), **embalo** (disposição), **enrustir** (esconder a droga), **justa** (polícia), **lance** (oportunidade), **mina** (namorada), **ourico** (agitação), **pacau** (embrulho de maconha), **patota** (grupo de maconheiros, grupo em geral), **papelote** (pacote de cocaína), **paquera** (conquista), **pirado** (drogado, louco), **pico** (injeção de droga), **pivete** (pequeno marginal), **sufoco** (agitação, atrapalhão), **travado** (drogado) etc. já passaram ao vocabulário "comum", perdendo, muitas vezes, seus significados originais fechados, mas conservando de forma inequívoca sua marca gíria; entraram na propaganda comercial e, mais recentemente, com a invasão do chamado "rock brasileiro", na música jovem.

Esses fatos demonstram, sem dúvida, a perigosa interação social entre esses grupos marginais e a sociedade brasileira, em particular, a juventude. Tradicionalmente muito fechados e apenas conhecidos pelos organismos policiais (e nem sempre), esses grupos minoritários, pelo aumento de sua atuação, acabaram por revelar seus costumes e, conseqüentemente, o vocabulário que os nomeava, tornado público pela via dos noticiários da imprensa policial (mais amplos do que nunca).

A crise social teve, também, como não poderia deixar de ter, suas conseqüências marcantes nos costumes e na moral, refletindo-se no afrouxamento dos tabus, em particular na comunidade urbana, com uma condescendente simpatia pelos comportamentos sexuais de exceção, como o homossexualismo. Esse clima tem favorecido uma exploração exacerbada dos temas sexuais na divulgação científica e na ficção literária, nas letras de música (no "rock brasileiro", por exemplo), nos filmes de cinema, no grande número de revistas e fotonovelas eróticas, nos **cartoons** de jornais.

Observa-se, paralelamente, um processo subliminar de "erotização" da propaganda e da ficção televisiva. E, para escapar à ação da censura (hoje já bem mais atenuada), recorre-se, com freqüência, ao discurso malicioso, muito empregado nos programas cômicos da TV e, sob certos aspectos, de maior conteúdo erótico.

A linguagem falada "comum" tem refletido esse processo cultural em seu léxico, com a liberação crescente dos tabus linguísticos, nos mais diversos contextos, nos falantes de ambos os sexos. Nesse sentido, vem ocorrendo um enfraquecimento do significado e da força injuriosa dos vocábulos obscenos, cujo critério de aceitabilidade social tem-se alterado substancialmente, não só em relação à linguagem oral, mas também em relação à escrita.

Em certos ambientes cultos, como os meios universitários, processa-se uma violenta inversão do prestígio social dessas lexias, tradicionalmente estigmatizadas. Para alguns, elas passam a ser o índice de uma linguagem mais livre e democrática,

mais próxima da cultura popular. Na realidade, esses vocábulos, usados de forma abusiva, tornam-se muito mais a marca de um **registro** lingüístico artificial em relação a essa classe de falantes, caracterizando um verdadeiro processo social de intelectualização do obsceno.

No cinema, por outro lado, com o objetivo de reproduzir com mais realidade os diálogos que envolvem personagens de várias classes sociais, processa-se uma liberação total dos vocábulos obscenos, em situações emocionais. E mesmo as traduções dos diálogos em língua estrangeira (linguagem escrita, portanto), aboliram os eufemismos ou até mesmo o recurso de empregar as primeiras letras dos termos "proibidos", seguidas de reticências.

Mas, hoje, essa influência do cinema sobre a linguagem pode ser considerada menor, pois, cada vez mais, diminui o público das salas de espetáculo, devido ao empobrecimento do povo e à concorrência da televisão. Grandes cidades do interior de São Paulo, o Estado mais progressista do país, às vezes possuem um único cinema, ou até mesmo nenhum.

O impacto mais curioso dessa transformação de atitude lingüística com relação aos vocábulos eróticos, a nosso ver, dá-se na língua escrita, onde a resistência é tradicionalmente sempre maior. E um índice inequívoco desse processo de erotização do léxico "comum", temos na propaganda comercial, na imprensa e nos **out-doors** espalhados pelas ruas e estradas. Nestes últimos, a ousadia publicitária se vale do impacto causado pelo tamanho físico, visual, das palavras, que, apesar de correntes na linguagem falada, ainda causam espécie nesse veículo de comunicação, pois, evidentemente, mesmo esvaziadas de sua força original, continuam a guardar sua marca obscena, porque se referem às partes sexuais ou aos comportamentos sexuais de exceção.⁶

Dentro do mesmo fenômeno lingüístico, igualmente expressivo é o recurso de que se valem a televisão e o rádio, veículos mais sujeitos à censura, mas também a propaganda escrita, para "dire et ne pas dire",⁷ utilizando o "discurso da malícia", pelo qual o falante divide com o ouvinte a responsabilidade do significado. Trata-se, em síntese, de um processo de comunicação lacunoso, onde o destinatário é chamado a intervir, preenchendo os claros, numa **situação de comunicação** em que ocorre um discurso sob outro discurso, permitindo a ambigüidade semântica, decorrente da própria polissemia do vocábulo, e insinuações licenciosas. Assim, um discurso implícito, de responsabilidade dividida entre falante e ouvinte, que funciona como uma segunda **isotopia**, toda ela ligada a referentes eróticos, sobrepõe-se ao discurso ingênuo, a partir de determinadas palavras-chave que, como uma mola, servem de comando às intenções do falante.⁸ Um exemplo, entre outros, é o comercial veiculado pela televisão brasileira, a propósito do "dia dos namorados", em que se jogava habilmente com dois significados do verbo **dar**. O primeiro, empregado com objeto direto apagado ("dar um presente") confundia-se com o segundo significado de natureza erótica ("entregar-se sexualmente"), num monólogo em que uma jovem, hesitante na escolha de um presente, manifestava sua indecisão se deveria "dar" ou não para o namorado. Trata-se, conforme se percebe, de uma verdadeira manipulação do significado dos vocábulos, de evidente intuito erótico, a serviço de interesses comerciais.

Da propaganda escrita poderíamos destacar o exemplo de um texto, inserido num dos jornais mais tradicionais de São Paulo, a propósito de uma emissora de rádio que se dispunha a transmitir concomitantemente dois eventos esportivos: "O time do Osmar Santos dá duas sem sair de cima".

Paralelamente ao uso da gíria e ao aumento da incidência dos vocábulos e expressões eróticas na linguagem "comum", desenvolve-se também o gosto pelo uso dos jargões técnicos, como o "economês", que já possui até glossário impresso e que circula pelas seções econômicas dos jornais e, ainda por esse veículo, chega ao uso falado.

O interesse desusado pelos assuntos econômicos é novo no contexto social brasileiro e decorre diretamente da crise, da divulgação diária das notícias de negociações político-financeiras do governo com os países e organizações estrangeiras, e das inúmeras colunas jornalísticas e programas de rádio e televisão que aconselham o que fazer com o dinheiro ante o avassalador processo inflacionário. Economistas, até há bem pouco tempo desconhecidos, passaram a ser os grandes astros do jornalismo falado e escrito. Com isso, desenvolve-se também o gosto pelos termos técnicos, exóticos, da política econômica. Lexias como **subsídio, correção monetária, inflação, expurgo cambial, indexar, desindexar, especulação, moratória, zerar, moeda escritural, repasse, estimativa, refinanciamento, empréstimo administrado, desmonetização, flutuação articulada, rolar dívida, aceleração e desaceleração da economia, recessão** etc. passam a integrar-se no vocabulário "comum" falado e escrito.⁹

Esse uso vocabular lembra a teoria da "banalização lexical" do termo técnico, estudada por Robert Galisson, e demonstra outra importante faceta dessa tendência niveladora do vocabulário "comum", de vez que esse tipo de lexia é bem específico dos contextos de ensino e pesquisa e de outras áreas que sempre estiveram fechadas ao falante comum.¹⁰

Os jargões, cuja definição é passível de muitas controvérsias, constituem uma linguagem técnica vulgarizada, com formações neológicas imprevisíveis, e resultam diretamente do prestígio social dos termos técnicos, decorrente de atividades que alcançam maior desenvoltura, em certas épocas, como hoje são a Economia, a Informática, a Cibernética etc.

Esses fatos todos permitem-nos concluir que se torna cada vez mais difícil estabelecer, na língua contemporânea do Brasil, os limites de uma norma lexical, baseada nos critérios de aceitabilidade social, não só pela mobilidade e conseqüente indeterminação cultural das classes sociais, mas também pela ação decisiva da linguagem dos veículos de cultura de massa que, preocupados com objetivos de audiência, procuram nivelar a sua produção. Essa política cultural, no léxico, conduz, conforme vimos, à linguagem "comum", nivelada, mais abrangente, por reunir uma contribuição heterogênea de vocabulários de classes sociais diversas, inclusive dos grupos minoritários e marginais.

Por outro lado, os reflexos da crise se fazem sentir nos costumes e acabam por apagar com maior facilidade os tabus lingüísticos. Por isso, a gíria, os jargões e a linguagem obscena constituem hoje os índices mais expressivos dessa abertura trazida por um processo sociolingüístico que também acaba por desembocar num léxico

"comum", indefinido socialmente, mas de alto grau de aceitabilidade pelos falantes, e que já vem sendo incorporado pela própria literatura brasileira contemporânea, em particular pela prosa de ficção.¹¹

NOTAS

1. MARTINET, André. *Le Français sans fard*. Paris, PURF, 1974, p. 36.
2. Cf. PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo, T. A. Queiroz, Editor, 1984.
3. NOBRE, Eduardo. "História do calão". In: *O calão – dicionário de gíria portuguesa*. Lisboa, Casa do Livro Editora, 1980, p. 20.
4. O Projeto NURC, que pretende fazer uma descrição da língua falada das pessoas cultas, desenvolve-se, no Brasil, desde 1971, em cinco capitais: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, já tendo sido efetuadas, em todas essas cidades, mais de 300 horas de gravação. No momento, desenvolvem-se os trabalhos de transcrição, primeiras análises e publicação de um **corpus** mínimo. O Prof. Ataliba Teixeira de Castilho, juntamente com o autor deste artigo, coordena o Projeto em São Paulo.
5. Inquéritos NURC-SP nº 1, 2, 32, 153, 187, 234, 235, 324, 333 e 390.
6. Referimo-nos, entre outras, a lexis do tipo **frescura** (deixar de frescura), **saco** (encher o saco) etc.
7. Ref. à teoria do implícito e pressuposto, veiculada por Oswald Ducrot, na obra *Dire et ne pas dire – principes de Sémantique linguistique*. Paris, Hermann, 1972.
8. Cf. PRETI, Dino. *A linguagem proibida – um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo, T. A. Queiroz, Editor, 1984.
9. Esta exemplificação, bem como todas as demais mencionadas neste artigo, faz parte do material gravado ou escrito do arquivo pessoal do autor.
10. Cf. GALISSON, Robert. *Recherches de lexicologie descriptive: la banalisation lexicale*. Paris, Nathan, 1978.
11. Queremos referir-nos a escritores como Rubem Fonseca, João Antônio, José Louzeiro, Plínio Marcos, Deonísio da Silva e outros.
